

Bancos adiam acordo outra vez, mas Pastore esperará

ainda está
1 JAN 19

Nova Iorque — Os bancos não fecharão esta semana qualquer acordo com o Brasil para a rolagem da dívida externa. A admissão partiu do próprio presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, que negocia o acerto em Nova Iorque e esperava voltar para o Rio na noite de hoje trazendo uma programação aprovada à tarde.

Apesar disso, Pastore ainda acredita — segundo afirmou após a reunião que manteve com o Comitê de Assessoramento formado pelos banqueiros — que o acordo possa sair antes da eleição do novo presidente da República. Sua nova data para fechar o acerto é a segunda-feira, véspera da reunião do Colégio Eleitoral.

O presidente do Banco Central não apresentou qualquer explicação para o adiamento determinado ontem pelos credores. Alguns deles apresentaram razões para estudarem com mais tempo a proposta brasileira, geralmente baseando-as em comparações com o esforço feito pelo México

na sua própria renegociação.

Um dos banqueiros, representante de uma instituição britânica, afirmou que o Brasil necessariamente pagará taxas — entre juros e spreads — mais elevadas que o México, por um motivo simples, o de depender de importações de petróleo e, conseqüentemente, de divisas. Outro lembrou que o prazo pedido pelo Brasil para rolar suas amortizações, de 16 anos, é superior ao de 14 solicitado e obtido pelos mexicanos.

Na realidade, porém, os banqueiros pretendem negociar com o futuro governo, mesmo admitindo ainda a hipótese de um acordo parcial com os atuais negociadores. As propostas de capitalização dos juros e de se admitir uma moratória, ambas defendidas por grupos que apoiam a candidatura virtualmente vitoriosa, tiveram profunda repercussão. Embora os bancos não vejam qualquer risco maior na candidatura Tancredo Neves, preferem esperar para negociar diretamente com o próximo governo.



Pastore